

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O CEMITÉRIO DO ALECRIM: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES
DA MORTE EM NATAL

JEANE FIALHO CANUTO

Natal, 200~~7~~
2000.2

JEANE FIALHO CANUTO

O CEMITERIO DO ALECRIM: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA
MORTE EM NATAL

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa
Histórica II, ministrada pela Professora Denise
Mattos Monteiro, do Curso de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
sob a orientação do professor Raimundo
Pereira Alencar Arrais.

Natal, 2002

“A vida é um milagre.

Cada flor,

Com sua forma, sua cor, seu aroma,

Cada flor é um milagre.

(...)

O tempo é um milagre.

A memória é um milagre.

A consciência é um milagre.

Tudo é milagre.

Tudo, menos a morte.

Bendita a morte, que é o fim de todos os
milagres.”

(Manuel Bandeira)

A meus pais, Carlos e Graça, pela paciência, dedicação e incentivo. A meus irmãos Flaviano e Helmer, pela amizade e a minha sobrinha Renatinha, que, para mim, representa a esperança.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Raimundo Pereira Alencar Arrais da UFRN, pela sugestão do tema e pela orientação da monografia.

À professora Francisca Aurinete Girão Barreto da UFRN, pela paciência e disponibilidade em ajudar a todos.

Ao funcionário do NEH, Núcleo de Estudos Históricos, Jorge Tavares, pela ajuda ao longo do curso.

Ao fotógrafo João Maria Alves, pela generosa colaboração ao ceder as fotografias anexadas a esta pesquisa.

À turma de História UFRN 1997.1 do turno matutino, pelo companheirismo e pelos bons momentos que passamos juntos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1-SÉCULO XIX PROGRESSO, EPIDEMIAS E CEMITÉRIOS.....	10
2-NATAL E SEU PRIMEIRO CEMITÉRIO PÚBLICO.....	19
2.1- Os primórdios do Cemitério do Alecrim.....	24
3-REPRESENTAÇÕES DA MORTE O CEMITÉRIO DO ALECRIM.....	29
3.1- Túmulos, imagens e lápides.....	35
CONCLUSÃO.....	40
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	42

INTRODUÇÃO

Quando propomos estudar a história de um povo ou de uma região, o senso comum normalmente imagina que vai ser estudado algum objeto ou conjunto de objetos antigos. Este hábito de relacionar a história exclusivamente ao estudo de objetos antigos, muitas vezes conduz a julgamentos errôneos sobre a história e sua importância para a humanidade. Ainda assim, mesmo que intuitivamente e sem compreender os objetivos a que a história se propõe, o senso comum acaba relacionando a história à cultura material. Ambas, história e cultura material, possuem uma estreita ligação, pois os objetos antigos podem conter importantes informações sobre determinado período a ser pesquisado. De fato, os objetos antigos deixados por nossos antepassados ou relacionados a lugares, como os monumentos ou templos, podem nos revelar muito sobre a sociedade que criou e utilizou tais objetos, porque: *a priori, todo objeto que, à primeira vista pode parecer não possuir nenhuma importância, é passível de ser interpretado museologicamente mercê de sua carga informativa a respeito de determinada cultura.*¹

Contudo, estudar a história de um povo ou região não se limita apenas, ao contrário do que parece, à análise desse ou daquele objeto, esse ou aquele monumento; tampouco responder a questões mais imediatas, como a data e origem do objeto e quem ou o quê construiu ou produziu o artefato. Faz-se necessário uma análise reflexiva, no sentido de buscar reconstruir a história local ou regional, que não vai se restringir a nomes e datas, abrangendo todo um imaginário coletivo de uma época. É exatamente este imaginário, esse modo de pensar e compreender o mundo, criado a partir de costumes, hábitos e tradições, que são transmitidos a gerações precedentes, que vai permitir compreender a relação existente entre objetos materiais e a história de um povo. Essa compreensão ou reflexão envolve toda uma complexidade de fatos que precisam ser interpretados e analisados por um caminho cheio de idas e voltas e nunca num sentido linear e contínuo. Reconstruir a história, implica também em buscar compreender como pensavam os homens da época que se está estudando.

¹ RIBEIRO, André Luiz Rosa. MACÊDO, Janete Ruiz e MACÊDO, Aurélio Farias. Arquitetura cemiterial: memória e cidade.p. 1.

Nessa perspectiva, estudar a cultura material é de suma importância para a compreensão da história de um povo, pois o que o homem produz pode revelar muito sobre o seu modo de pensar.

Deste modo, os símbolos produzidos em uma determinada época podem revelar o imaginário coletivo, isto é o que as pessoas pensavam naquela época². No caso de representações da morte, os símbolos utilizados em túmulos pertencentes a cemitérios criados no século XIX, revelam o que as pessoas do século XIX pensavam sobre a morte e mais especificamente sobre a vida após a morte.

Assim, os cemitérios constituem uma importante fonte de pesquisa para o estudo da cultura material, pois possuem grande variedade iconográfica. Além disso, por serem fixos, é possível obter uma maior precisão em relação a datas, nomes e figuras, sendo, portanto, vistos como objetos de fundamental importância para a compreensão da história local.³

Compreendendo que os cemitérios revelam o que pensa determinada sociedade sobre a morte, a presente pesquisa busca refletir sobre formas de representação da morte contidas nas sepulturas do Cemitério do Alecrim, em Natal. Este cemitério foi escolhido por ter sido o primeiro cemitério da cidade e por apresentar uma significativa variedade de representações da morte contidas em suas sepulturas.

O corte cronológico da pesquisa abrange os séculos XIX e XX, pois o cemitério foi criado no século XIX, em função do grande número de epidemias que assolaram o país e que não permitia que o costume de enterrar os mortos dentro ou ao redor das igrejas fosse mantido. Esse corte abrange também o século XX, pois as imagens escolhidas para uma possível reflexão a respeito das formas de representação da morte estão contidas em túmulos cujas datas vão até aproximadamente a primeira metade do século XX.

O critério para a escolha das imagens de representação da morte contidas no Cemitério do Alecrim e relacionadas nesta pesquisa foi feito a partir de uma delimitação espacial do cemitério. Foi concluído que a maioria dos túmulos, localizados da entrada do cemitério até a capela, podem ser os mais antigos. Inicialmente, a área total do cemitério compreendia da entrada até a capela: *O prefeito Gentil Ferreira de Sousa, em 1941,*

² DICIONÁRIO enciclopédico Koogan Larousse seleções, p.553

³ LIMA, Tânia Andrade. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros. p.87 e 88.

*reformou inteiramente o cemitério, abrindo ruas para os túmulos, retificando os rumos, reconstruindo a capela, ampliando a área para sepultamentos.*⁴

Dentro desse universo, foram escolhidas dez imagens, das quais foi feita uma leitura com o intuito de refletir sobre o que estas imagens podem revelar sobre o modo de pensar a morte. As imagens escolhidas apresentam um significativo destaque no cemitério pela beleza, suntuosidade e por determinados traços que lhes são peculiares.

No que diz respeito à bibliografia consultada, particularmente dois trabalhos serviram de suporte teórico para a pesquisa: o livro Microfísica do poder, de Michel Foucault, cujo capítulo “O nascimento da Medicina Social”, vai tratar de aspectos que determinaram o surgimento de uma medicina voltada para o social, para o coletivo, especialmente na busca de soluções por parte de cidades (particularmente européias) para resolver questões de limpeza, higiene e doenças presentes no espaço público urbano das cidades, o que inclui a necessidade de criação de hospitais, abrigos e cemitérios; e o trabalho da professora Tânia Andrade de Lima, De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidades sociais). O estudo de Tânia Lima resulta de um projeto que pretende fazer uma análise de representações da morte contidas em dois cemitérios do Rio de Janeiro, um público e um privado. As representações analisadas por ela são relacionadas a classes sociais, tendo seu enfoque num recorte temporal que compreende a passagem da Monarquia para a República.

Por se tratar de um trabalho inédito, a pesquisa apresenta limitações no que diz respeito ao trato com as fontes. Disponíveis somente em edição fac-símile, existem os relatórios dos presidentes da província do Rio Grande do Norte, fontes de grande importância para a pesquisa, pois relatam as medidas tomadas pelo governo para resolver problemas na província. No entanto não há pesquisas sobre o Cemitério do Alecrim, dificultando o trabalho do pesquisador.

A pesquisa se constitui basicamente de três partes: na primeira, será tratado o surgimento de cemitérios no século XIX, cujo impulso tecnológico desenvolvido no século, originou problemas de organização do espaço público urbano das cidades causados pelo aumento populacional e pelo surgimento de grandes epidemias. As epidemias causaram grande número de mortes, fazendo-se necessário criar lugares para enterrar os cadáveres das vítimas – os cemitérios. Na segunda parte, tratarei do surgimento do

⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. História da cidade do Natal. p. 266.

primeiro cemitério público de Natal, o Cemitério do Alecrim, a situação da província na época e a necessidade de criação do cemitério. A terceira parte trata especificamente de representações da morte contidas em sepulturas do Cemitério do Alecrim, através da leitura de dez imagens que se destacam no cemitério.

1- SÉCULO XIX: PROGRESSO, EPIDEMIAS E CEMITÉRIOS

Os cemitérios foram oficialmente instituídos no Brasil em sua maioria na segunda metade do século XIX. Esse surgimento de cemitérios, numa localização chamada extramuros, isto é, longe das igrejas está associado a um grande número de epidemias que assolaram o século, causando um alto índice de mortalidade em diversos países.

As epidemias que maiores danos provocaram foram a febre amarela, a malária, a varíola e principalmente a cólera morbus. Elas vieram se somar, como causa de mortalidade, a outras enfermidades como a sífilis e a lepra, que fizeram grande número de vítimas pelo mundo.

O século XIX ficou conhecido como o século do progresso. A idéia de progresso está diretamente relacionada ao avanço tecnológico decorrente do processo iniciado com a Revolução Industrial no século anterior, propiciando uma série de outros avanços em diversos setores da vida humana: na indústria, no comércio, nos transportes, na troca de informações, nas comunicações, etc. Esse avanço tecnológico representou o aprimoramento do conhecimento voltado para o domínio da natureza. Instalou-se uma visão menos eurocêntrica: a Europa deixou de ser vista como o centro do mundo, como em séculos anteriores. Nesse novo quadro, as trocas de mercadorias, de informações e o tráfego de pessoas assumem importância vital, definindo o lugar de cada nação no conjunto mundial aceito pelo capitalismo.

E não era apenas o conhecimento, nem somente o incremento das trocas. O que vai marcar o avanço tecnológico é a rapidez com que as informações, as mercadorias e as pessoas vão de uma região à outra, pois, conforme escreve Hobsbawm,

mais importante que o mero conhecimento, as mais remotas partes do mundo estavam agora começando a ser interligadas por meios de comunicação que não tinham precedentes pela regularidade, pela capacidade de transformar vastas quantidades de mercadorias e número de pessoas e, acima de tudo, pela velocidade: a estrada de ferro, o barco a vapor, o telégrafo.⁵

Esses avanços, nitidamente mais perceptíveis no mundo Ocidental, que comandou o processo, a partir das nações industriais, geraram além de um grande crescimento demográfico, um processo de urbanização e melhoramento das cidades, especialmente das

⁵ A respeito de alguns avanços do século XIX, ver HOBBSAWM, Eric J. A era do capital, p. 71.

grandes cidades. Contudo, o aumento populacional causou uma série de problemas de habitação, saneamento básico, dentre outros:

*a extensão da superfície das cidades, o aumento de seus habitantes e as mudanças daí resultantes deram origem a uma série de problemas radicalmente novos: subsistência, abastecimento, evacuação, circulação, alojamento, administração, ordem pública, para os quais o governo foi obrigado a procurar soluções.*⁶

Assim, as cidades do século XIX passam a apresentar um aspecto contraditório, pois se por um lado o progresso tecnológico proporcionou um grande crescimento demográfico concentrado em algumas áreas, em função das inúmeras atividades a serem realizadas nas cidades, por outro lado, a cidade passa por transformações que se aceleram seguindo um novo ritmo tornando as relações cada vez mais complexas. Na cidade concentram-se as desigualdades provocadas e acentuadas pela Revolução Industrial, com suas massas de despossuídos. A luta pela sobrevivência e a busca por melhores condições e por uma inserção no espaço urbano, faz com que o homem se torne individualista, e até mesmo desumano, pois:

*...o crescimento lento, similar ao de uma formação de coral, contrapõe-se à imagem do crescimento rápido, violento e desmesurado, que desfigura esteticamente o traçado urbano e seus habitantes; a finitude de linhas geométricas e as concentrações humanas mecanicamente disciplinadas quando, no trabalho, contrapõe-se às multidões despidas das características de humanidade, disformes e moldadas pelas ruas por onde se arrastam.*⁷

O crescimento urbano foi favorecido pelo avanço dos meios de transportes, o que acentuou a circulação de pessoas e a migração entre várias partes do mundo. A evolução dos transportes no século XIX foi um fator de grande importância para o aumento do número de pessoas nas cidades e, conseqüentemente, para o seu abastecimento, porque *sem as estradas de ferro, as cidades teriam sido incapazes de alimentar o excesso de sua população.*⁸

Todo esse avanço tecnológico explicitado através dos transportes, do crescimento populacional, das invenções modernas tais como o telégrafo, o barco a vapor, os avanços na indústria e na comunicação ligando diversas partes do mundo, aconteceu de forma contínua durante o decorrer do século. Algumas de suas nuances que foram se delineando

⁶ RÉMOND, René, O século XIX, p. 138.

⁷ BRESCIANI, Maria Stella Martins, Metrôpoles: as faces do monstro urbano, p. 56.

⁸ Ibid, p.139.

na primeira metade do século, o que possibilitou, por um lado, uma maior aproximação entre as regiões, uma rede de troca de informações entre diversas partes do mundo que até então se mantinham relativamente isoladas, mas, por outro lado causou problemas administrativos para os governos, pois as cidades, com grande número de habitantes, precisavam de um rígido controle do espaço urbano, incluindo limpeza e higiene, educação, moradia e saúde.

A saúde foi um dos grandes problemas das cidades densamente povoadas no século XIX. O grande número de habitantes, o tráfego de pessoas e a proximidade entre as regiões, favorecia a proliferação de epidemias. O século XIX trouxe consigo pânico, gerado pelas epidemias que assolaram diversas partes do globo, mas também trouxe, apoiado no conhecimento científico possibilitado pelo avanço tecnológico, formas de conhecer e tratar as epidemias:

As cidades, singularmente os portos, constituem também o domínio de eleição das grandes epidemias: mesmo no século XIX (a cólera). Mas, pouco a pouco, elas recuam, contidas, juguladas, depois prevenidas pelo progresso da ciência, da higiene, da vacinação sistemática.⁹

Doenças como a malária, a tifo, a tuberculose, a peste bubônica e o cólera causaram pânico na população das grandes cidades européias e se espalharam para outras partes do mundo. Difícil descobrir a cura para esses males que inquietavam e afetavam gravemente as cidades. Igualmente difícil descobrir formas de tratamento para as doenças: *Era um Grande Pavor. Que remédios aplicar? Bismuto, cloro, quinino, banhos a vapor?*¹⁰

As epidemias também atacaram o Brasil durante o século XIX. Em 1887, ocorreu uma grande epidemia de varíola, que, somente no Rio de Janeiro, matou quinze mil pessoas. A febre amarela, depois de uma aparição no começo do século, reapareceu em 1849 – 50, permaneceu por mais de 50 anos e aterrorizou quase todas as províncias. As epidemias mais mortíferas foram as que atingiram Alagoas (1889), Santos (1874 – 86 – 89), Campinas (1889) e o Ceará (1889). Outras doenças como a lepra, que chegaram a ser consideradas endêmicas em províncias como Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Maranhão; a sífilis, a ancilostomíase, dentre outras, abalaram diversas províncias do Império, matando grande número de pessoas. Também no século XIX, a cólera – morbo

⁹ Ibid, p. 145.

¹⁰ CROUZET, Maurice (dir.) História Geral das civilizações. O século XIX, p. 33.

aterrorizou o Brasil: *Perdurou por dois anos (1855 – 1856) e matou, em todo o Império, umas duzentas mil pessoas...*¹¹

As epidemias fizeram inúmeras vítimas, que eram enterradas de acordo com velhas práticas trazidas desde o início da colonização, dentro ou ao redor das igrejas, conforme o costume. No entanto, o grande número de cadáveres enterrados lotavam as igrejas, e, para os médicos, e higienistas da época, o odor exalado pelos cadáveres de vítimas das epidemias contaminava o ar próximo às igrejas. As pessoas que respirassem esse ar também poderiam ficar doentes e até mesmo morrer, segundo os higienistas.

O costume de enterrar no chão sagrado, isto é, nas igrejas ou nos arredores destas, é um costume muito presente no Império, pois enterrar no chão sagrado ou próximo a ele garantia um lugar no paraíso. Para a mentalidade da época, uma “boa morte” uma série de procedimentos, o que inclui todos os rituais fúnebres que iam desde a vestimenta até o enterramento propriamente dito, prolongando-se com as missas de aniversário de morte, pois o cuidado para com os mortos era equivalente ao cuidado para com os vivos.¹²

Foi nesse período, que, devido ao grande número de mortes, houve a necessidade de se criar cemitérios afastados das cidades, para que não houvesse risco de contaminação.

Assim, a criação de cemitérios no Brasil, começou a partir da segunda metade do século XIX, mais precisamente em 1855, ano que ficou conhecido como “o ano do cólera”. Deste modo, o surgimento de cemitérios está diretamente ligado às epidemias que assolaram o Brasil imperial.

A religiosidade foi um aspecto muito presente na concepção das pessoas durante o século XIX, principalmente no que diz respeito à morte, ao sepultamento e ao culto aos mortos. Era costume enterrar os mortos nas igrejas ou ao redor delas, para que, o corpo enterrado em chão sagrado, favorecesse a salvação da alma. Além disso, os ritos fúnebres tais como encomendação da alma, velório, cortejos fúnebres, missas e o próprio sepultamento, eram rituais de extrema importância para a mentalidade brasileira do século XIX.

No entanto, as epidemias estavam matando pessoas de forma vertiginosa e estavam enchendo os vivos de temor. Os médicos brasileiros estavam convictos de que os enterramentos nas igrejas, ou ao redor delas, contribuía para a contaminação do ambiente,

¹¹ SANTOS FILHO, Lycurgo. Medicina no período imperial, p. 479.

¹² REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista, p. 96.

favorecendo, conseqüentemente, a proliferação das epidemias. As igrejas estavam lotadas de cadáveres de vítimas do cólera e de outras epidemias.

Para os médicos, os mortos e especialmente os enterramentos nas igrejas representavam um sério problema de saúde pública. Para eles, partidários da teoria dos miasmas, a decomposição de cadáveres produzia gases que poluíam o ar e contaminavam os vivos, causando assim doenças e epidemias. Por isso, os velórios, cortejos e outros rituais fúnebres representariam focos de doença.

Era preciso higienizar o espaço urbano, realizando uma política de sanitização nas cidades. Dentre outras medidas a serem tomadas, uma delas era a construção de cemitérios afastados das igrejas e de preferência longe das cidades, construídos em bairros distantes.

Essa posição defendida pelos médicos afirmava que os hábitos mantidos até então em relação aos mortos não combinavam com os ideais civilizatórios da nação que se formava. Organizar o espaço urbano implicava na higienização da morte. Isso significava que os mortos deveriam ser expulsos do convívio com os vivos e colocados para fora desse espaço urbano.

A idéia de civilização presente na mentalidade dos médicos do Brasil imperial era inspirada no modelo francês de medicina:

*Eles tinham se formado sob influência do racionalismo iluminista, encarando a história como progresso, um movimento de distanciamento em relação à barbárie e à superstição, rumo à civilização e ao predomínio do pensamento racional.*¹³

Muitos de nossos médicos iam estudar na França e adquiriam o conhecimento da política de sanitização implementada no país, responsável pela limpeza e organização do espaço urbano, que incluía uma série de questões de medidas em relação à cidade. Dentre elas, a construção de cemitérios longe do contato com as pessoas.

Os médicos brasileiros estavam convencidos de que para uma nação ser considerada “civilizada”, uma série de reformas deveriam ser implementadas nas cidades, pois segundo um médico atuante na corte em 1855:

¹³ REIS, João José. A morte é uma festa, p. 248.

o aperfeiçoamento e progresso da higiene pública em qualquer país simboliza o aperfeiçoamento moral e material do povo, que o habita; é o espelho, onde se refletem as conquistas, que tem ele alcançado no caminho da civilização.

Tão verdadeiro é o princípio, que enunciamos, que em todos os países mais cultos os homens, que estão à frente da administração pública, procuram, na órbita de suas atribuições, melhorar o estado da higiene pública debaixo de todas as relações, como um elemento de grandeza e prosperidade desses países...

Entre nós, porém, força é confessar que as municipalidades (...) têm-se esquecido um pouco dos melhoramentos materiais do município e do bem – estar, que deles pode resultar a seus concidadãos, tanto que sobre alguns pontos essenciais e indispensáveis no estado higiênico, parece que ainda nos conservamos muito próximos dos tempos coloniais.¹⁴

Os médicos iam estudar na Europa e ali assimilavam uma série de teses sobre o melhoramento sanitário das cidades para serem implementadas no Império.

Essas teses incluíam uma nova forma de pensar a doença: de um castigo de Deus passava a se tornar um mal natural contagioso e talvez epidêmico.

A maneira de identificar a doença dividiu os médicos por um longo tempo, pois havia os que acreditavam no contágio por meio de microorganismos patológicos, (os partidários da tese microbiana) e aqueles que acreditavam na teoria dos miasmas, consolidada no século XVIII.

A tese microbiana foi defendida a partir dos estudos de John Snow, considerado o pai da moderna epidemiologia, que estudou o surto do cólera de 1854 em Londres sendo reforçada mais tarde com as descobertas definitivas de Pasteur e outros cientistas europeus e confirmadas na segunda metade do século XIX.

Dominando durante o século XIX, a tese miasmática baseava-se na noção de que quando o ar fosse de má qualidade (provavelmente devido à matéria orgânica em decomposição) as pessoas que respirassem este ar ficariam doentes. Essa infecção se dava diretamente através do meio ambiente, que seria o ar infectado por gases ou vapores pútridos, os chamados miasmas, isto é, emanções provenientes de substâncias animais ou vegetais em decomposição.

Uma definição mais ampla do conceito de miasma pode ser encontrada no dicionário de termos médicos mais popular no período imperial, o Dicionário de medicina popular, de Chernoviz:

¹⁴ Citado por CHALHOUB, Sidney. Cidade febril, p.34.

Tomando a palavra em sua acepção lata, considerando-se sob este título todas as emanações nocivas, que corrompem o ar, e atacam o corpo humano. Nada há de mais obscuro do que a natureza íntima dos miasmas: conhecemos muitas causas que os originam; podemos apreciar grande número de seus efeitos perniciosos, e apenas sabemos o que eles são. Submetendo-os à investigação de nossos sentidos, só olfato nos pode advertir de sua presença: não nos é dado toca-los nem vê-los. A química mais engenhosa perde-se na sutileza das doses e combinações miasmáticas; de ordinário, nada descobre no ar insalubre ou mortífero que deles esteja infectado, e quando consegue reconhecer nela uma proporção insólita, ou a presença accidental de algum principio gasoso, não nos revela senão uma diminutíssima parte do problema.¹⁵

Os médicos brasileiros procuravam compreender e combater os miasmas, pois acreditavam que eles eram os responsáveis pelo grande número das epidemias no Brasil. A maioria dos diagnósticos de miasmas apontavam tanto para fontes vegetais, quanto para fontes animais, consideradas perigosíssimas para a saúde das pessoas. Assim, qualquer matéria orgânica em decomposição, quer fosse vegetal ou animal, exalava um odor fétido que, quando inalado pelas pessoas, poderia levá-las rapidamente à morte. Os médicos davam exemplos de pessoas que tiveram morte imediata ao manterem contato com animais mortos na rua, cadáveres humanos mal enterrados e até mesmo através do mau cheiro exalado pelos esgotos de dejetos humanos existentes nas ruas. Além disso, os seres vivos, mesmo se saudáveis, também carregavam e transmitiam miasmas através do hálito, da transpiração, e das excreções, que faziam com que os odores se misturassem ao ar que se respirava. Deste modo, para os médicos, higienizar a cidade consistia em

...administrar o ar, eliminando dele os focos de miasmas. Adeptos da explicação do contágio ou da infecção [...] eles desencadearam uma ação que visava gerir os fluxos do ar da cidade, assegurando as condições para impelir os miasmas danosos para longe do aglomerado humano.¹⁶

Uma das maiores preocupações dos médicos era com os enterramentos, que eram muitas vezes não eram realizados com os cuidados necessários e se localizavam em lugares muito próximos de recintos bastante freqüentados pelas pessoas (nas igrejas e ao redor delas). Os cadáveres produziam um terrível mau cheiro, que contaminava todo o ambiente. Por isso, as igrejas eram vistas como transmissoras dos miasmas e foram vistas ainda mais

¹⁵ CHERNOVIZ,

¹⁶ ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. O pântano e o riacho, p. 274.

quando ocorreram surtos epidêmicos da cólera – morbo e de outras doenças que assolaram o país no século XIX.

Os médicos, que se consideravam os representantes da ciência e do progresso, procuravam interferir no Estado, criando um espaço sólido de atuação, e procurando alertar as pessoas para o mal causado pelos enterramentos feitos nas igrejas ou nos chamados cemitérios intramuro, afirmando que o interesse das pessoas em enterrar os mortos no que consideravam o lugar sagrado, santo e próximo a Deus, mantinha-se cegos aos perigos e estava se tornando superstição e não mais religiosidade. Essa superstição estava conduzindo o país a um estágio de barbárie e atraso, impossibilitando a marcha do país que o levaria ao progresso e à evolução para se igualar à Europa.

A questão dos enterros nas igrejas foi um aspecto muito discutido pelos médicos, mas havia também outros aspectos funerários que os médicos queriam combater. Para estes, o cadáver deveria lhes ser entregue logo após a morte e deveria ser exumado, para legitimar o saber médico da morte, e até mesmo para que se obtivesse o conhecimento da causa *mortis* e assim pudessem ser elaboradas estatísticas de morbidade, fato comum em países ditos civilizados. Era essencial para os médicos, combater o exagerado tratamento dispensado aos mortos, tanto é que passaram a exigir que a função de registrar óbitos fosse transferida dos padres para eles, porque acreditavam que os padres não tinham competência para verificar a morte de ninguém.¹⁷

Além de exigirem a transferência dos cemitérios para fora das cidades, os médicos exigiam também o uso de caixões fixos e individuais (durante algum tempo havia caixões de aluguel, nos quais eram atendidos um morto após o outro), como também a construção dos cemitérios com sepulturas dispostas de forma a favorecer a circulação do ar e enterramentos mais profundos para que o cadáver ao se decompor não exalasse o mau cheiro que, segundo eles, era o causador de várias doenças.¹⁸

É possível perceber a relação entre a idéia de progresso difundida no século XIX, o surgimento de grandes epidemias que aterrorizaram o século e a construção de cemitérios. Com o advento do capital, foi possível perceber as modificações que pouco a pouco foram acontecendo. Essas mudanças proporcionaram um grande aumento demográfico até então nunca visto: a circulação de bens e de pessoas tornou-se algo sem

¹⁷ REIS, João José. Op cit, p. 247 e 248.

¹⁸ Ibid, p. 247e 248.

precedentes e assim a visão de um mundo mais global vai se delineando ao longo do século.

Com a necessidade de trocas de mercadorias, as regiões se tornam mais próximas umas das outras; as viagens de um lugar à outro se tornam mais seguras e mais rápidas, pois novos e avançados meios de transporte vão sendo criados. Além disso, o tráfego de pessoas e até mesmo as mudanças de um lugar para outro, talvez em busca de condições melhores, se tornam algo corriqueiro na vida das grandes cidades.

Por outro lado, todo esse progresso também trouxe algumas conseqüências desastrosas para as cidades e grandes preocupações para seus governantes: a proximidade entre as regiões e o crescimento demográfico favoreceu o surgimento de diversas epidemias que causaram um elevado índice de mortalidade, principalmente na segunda metade do século XIX.

Com as epidemias e mortes causadas por elas, tornava-se necessário para os governos a tomada de algumas medidas para resolver o problema da desordem causada pelas epidemias que invadiam principalmente as grandes cidades.

Diversas medidas foram tomadas para resolver tais questões, como a construção de hospitais nas cidades em que não havia locais apropriados para o tratamento de doentes, a adoção do método da quarentena nas cidades, e a criação de lugares adequados para os enterramentos dos cadáveres de vítimas das epidemias. Os cemitérios deveriam ser construídos em locais afastados das cidades, já que a mentalidade de médicos e higienistas da época pregava um controle do espaço urbano.

O progresso do século XIX propiciou euforia, mas também problemas a serem resolvidos pelos governos e dentre eles, novas formas de pensar a organização do espaço público urbano e novas formas de encarar as práticas religiosas ligadas ao culto aos mortos.

2- NATAL E SEU PRIMEIRO CEMITÉRIO PÚBLICO

As epidemias do século XIX atacaram grande parte das províncias do Império e chegaram à província do Rio Grande do Norte.

O período em que as epidemias assolaram com mais força o Rio Grande do Norte, foi aquele da administração do presidente Antônio Bernardo de Passos (01-10-1853 a 01-04- 1857). Passos teve de enfrentar epidemias como o impaludismo, a febre amarela e principalmente o cólera. O cólera chegou no Rio Grande do Norte de forma devastadora, obrigando o presidente Passos a mobilizar recursos para combater o mal. Cascudo afirma que *...em fins de 1855 surgiu a peste da Cólera- Morbo, devastadora como um cataclismo. O presidente Passos, lutando contra a avidez do lucro, contra o abandono da província, contra a falta de médicos , vencendo tudo, atenuou a catástrofe.*¹⁹

O presidente Passos começou a tomar as providências a fim de conter o avanço da epidemia assim que teve notícias de sua chegada ao Pará e Pernambuco, como revela sua fala à Assembléia Legislativa Provincial de primeiro de julho de 1856:

*Logo que appareceu a noticia de reinar o cholera no Pará de modo a dar-se-lhe credito, cuidei de tomar as providencias necessárias, afim de evitar a invasão do mal na província: foi assim que por officios de 12 a 16 de agosto do anno passado, ordenei ao comandante da fortaleza e ao patrão-mor da barra que os vapores e mais navios fossem detidos no lugar das quarentenas: providencias iguaes fui dando para outros pontos da província ácerca dos navios provenientes de outros portos, ao passo que me chegava ao conhecimento ter nelles apparecido a epidemia; de sorte que quando o cholera chegou a Pernambuco expedí ordem neste sentido a todas ás autoridades policiaes beira- mar, mandando tambem destacamentos conforme me habilitava a já diminuta força publica para serviço ordinário e diminutissima para este extraordinário.*²⁰

Mesmo assim, não foi possível conter o avanço da epidemia, que invadiu de forma implacável a província. Restava então, ao presidente Passos, tomar providências para cuidar dos doentes e também resolver o problema dos enterramentos dos cadáveres de vítimas das epidemias e da fome que acometiam conjuntamente a província:

¹⁹ CASCUDO Luís da Câmara. História da cidade do Natal, p. 205.

²⁰ FALAS e relatórios dos presidentes da província do Rio Grande do Norte, p. 636.

entra o terrível flagelo na provincia, e a par d'elle declara-se a fome nas comarcas do Agreste; n'esta capital a quarta de farinha de mandioca dos preços regulares de 160 a 200 réis, chegou a 800 réis; dias passaram depois em que não houve nenhuma; outro tanto succedeu com o pão, bolacha e baêta.²¹

A província não possuía muitos recursos, pois o inverno do ano anterior havia sido desfavorável à lavoura, o comércio da província paralisou os preços das mercadorias compradas na província de Pernambuco.²² De modo que a província não estava preparada para tratar dos doentes vítimas do cólera. Era o que o presidente da província relatava:

A epidemia ameaçava a provincia, e ella estava muito mal preparada para lhe neutralisar a mortífera acção; porquanto só tinha um médico do partido das comarcas do Sertão, que lhe faltou, quando mais delle precisava; não possuía um só azylo de caridade, salvo a enfermaria militar, e apenas havia uma botica.²³

Bernardo de Passos resolveu tomar as medidas necessárias. Exigia-se que se colocassem os doentes em locais apropriados para que lhes fossem dispensados os cuidados necessários: *Cumpria cuidar em fazer ao menos n'esta capital um lazareto e um hospital, na qual mais de dous terços da população he pobre...²⁴*

Além da falta de hospitais, a província também sofria com a falta de médicos, o que dificultava ainda mais a ação de contenção do cólera. Para solucionar o problema, o presidente da província apelara para os favores das províncias vizinhas:

...não havia nella si quer um medico, que habilitasse à presidência com as informações necessarias: pelo que procurei obte-lo: officiei pois em 16 de agosto do anno passado ao dr. Vita, um dos dous médicos residentes na Parahiba n'aquella época, de cuja perícia n'arte ou sciencia de curar tive informações favoráveis. Na mesma data officiei também á presidencia de Pernambuco requisitando me enviasse um medico, e que, segundo o parecer da junta de hygiene publica, me remetesse remédios próprios para o tratamento do cholera.²⁵

Assim, recebeu ele os médicos, os doutores: Firmino José Dória, José Joaquim Sousa José Augusto de Sousa Pitanga, Cândido José Casado Lima, e o primeiro a vir, o doutor Francisco Antônio Vital de Oliveira. Esses médicos foram pedidos pelo presidente

²¹ Ibid, p. 639.

²² Ibid, p. 637.

²³ Ibid, p. 637.

²⁴ Ibid, p. 637.

²⁵ Ibid, p. 637.

Passos, às províncias de Pernambuco e da Paraíba e foram chegando na proporção em que a epidemia ia cedendo nessas províncias.²⁶

Passos dedicou-se à construção do lazareto e do hospital, para atenuar a calamidade instalada na província, com a chegada do cólera. O lazareto era um lugar que servia para isolar os coléricos da cidade. Esse procedimento de isolar os doentes sob o sistema de quarentena é um procedimento herdado da Idade Média e aperfeiçoado no século XVIII.²⁷ Passos tinha a intenção de construir um local que isolasse as pessoas contaminadas por cólera.²⁸

Quanto ao hospital, o presidente Passos descreve na sua fala à Assembléia Legislativa provincial em 1 de julho de 1856: *ao hospital deram-se dimensões taes que podessem acomodar 40 doentes do sexo masculino, e outros tantos do feminino (...) fiz construir primeiro uma casa de oitões, aonde deviam ser recolhidos os doentes...*²⁹

Quando a epidemia alcançou de fato a província do Rio Grande do Norte, a mortalidade foi imediata.

As taxas de mortalidade produzidas com o fim da epidemia do cólera eram muito altas, de modo que era difícil precisar a quantidade de pessoas que morreram em toda a província, sobretudo porque não havia um estudo organizado das estatísticas de morbidade. Em 1857 um novo surto de cólera apareceu devastando vários municípios. Dizia o presidente Bernardo de Passos em sua fala à Assembléia Legislativa Provincial em 1857:

*... o cholera asiático reappareceu, e soffrem seus cruéis estragos os municipios do Acari, Touros, Capital, Papari e Villa-flor. Os de Nova Cruz e Extremoz tambem foram flagellados segunda vez, mas graças ao altíssimo já em ambos está extincta a epidemia.*³⁰

Com relação aos números da mortalidade causada pelo Cólera em toda a província no grande surto epidêmico de 1855, Bernardo de Passos relatou à Assembléia Provincial: *...ainda não foi possível obter de todos os dados necessarios para a organização da respectiva estatistica mortuaria: não estou pois habilitado para apresentar-vos um quadro completo, como desejava.*³¹

²⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. Op cit, p. 205.

²⁷ FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder, p. 89.

²⁸ FALAS e relatórios. Op cit, p.637.

²⁹ Ibid, p. 637.

³⁰ Ibid, p. 637.

³¹ Ibid, p. 669.

Apesar de não obter um quadro exato da mortalidade na província, o presidente Passos divulgou alguns números baseados em informações existentes na secretaria do governo.

O quadro com as taxas de mortalidade aproximadas foi organizado por freguesias:

Mortalidade por cólera na província do Rio Grande do Norte em 1855:

FREGUESIAS	MORTOS
Campo Grande	1
Papari	36
Assu	49
Acari	53
Arez	68
Mossoró	75
Príncipe	100
S. Gonçalo	121
Capital	215
S. Bento	321
Ceará Mirim	824 ³²

TOTAL: 1863

O quadro contendo as taxas de mortalidade na província do Rio Grande do Norte apresenta um total aproximado de 1863 mortes por cólera em algumas das freguesias da província. Os dados coletados nos relatórios dos presidentes da província são dados aproximados, pois segundo o presidente da província não havia meios de precisar a quantidade exata de mortes causadas pela doença. Provavelmente, o número de mortos é ainda maior que os apresentados pela secretaria do governo.

A população da província do Rio Grande do Norte no ano de 1855, era estimada em 148.210 almas. Desse total, foram registrados 35.520 nascimentos. Os óbitos na província foram estimados em 18.918.³³

³² Ibid, p. 669.

³³ Ibid, p. 669.

O quadro de mortalidade de vítimas do cólera fornecido pela secretaria do governo para o ano de 1855, revela um número bastante significativo de mortes na província, considerando que são mencionadas apenas vítimas do cólera, sem contar com as mortes causadas por outras doenças que também assolaram a província. O quadro também não apresenta informações referentes a todas as freguesias da província que

*...estava dividida administrativa e judiciariamente (sic) até o ano de 1872, em 8 cidades, 19 vilas e 13 comarcas.*³⁴

São mencionados os números de vítimas somente do cólera, pois o surto de 1855 na província do Rio Grande do Norte contribuiu na tomada de diversas ações pelo governo provincial, e dentre elas, a criação do Cemitério Público da capital, o Cemitério do Alecrim.

³⁴ MARIZ, Marlene da Silva. SUASSUNA, Luiz Eduardo B. História do Rio Grande do Norte, p. 68.

2.1- Os primórdios do Cemitério do Alecrim

A necessidade de construir locais onde pudessem ser enterrados os mortos, surgiu com as epidemias que assolaram o Brasil imperial, deixando um saldo de grande mortalidade. Era costume enterrar os mortos dentro das igrejas ou em locais muito próximos a elas porque *A igreja representava uma espécie de portal do Paraíso. Ao mesmo tempo era o lugar perfeito para se aguardar a ressurreição no dia do Juízo Final...*³⁵. O cuidado para com os mortos se assemelhava ao cuidado que se tinha para com os vivos, por isso, todos os rituais fúnebres, como o velório, o cortejo, a encomendação da alma e o enterramento propriamente dito, eram de muita importância para os familiares do morto. Os rituais se perpetuavam com as missas de aniversários de morte.

Para os médicos brasileiros: *... a decomposição de cadáveres produzia gases que poluíam o ar, contaminavam os vivos, causavam doenças e epidemias.*³⁶ Assim, os corpos dos mortos constituíam um grave problema de saúde pública. Da mesma maneira as práticas católicas como os velórios e os rituais fúnebres, pois estes eram tidos como focos de doença. Para os médicos, esses focos eram mantidos graças à persistência de uma mentalidade atrasada e supersticiosa.³⁷

Deste modo, fazia-se necessário construir cemitérios que ficassem localizados em áreas mais afastadas das cidades, para que não houvesse risco de contaminação.

Em muitas cidades brasileiras atingidas pelas epidemias foram criados cemitérios afastados das cidades. A construção dos cemitérios no Brasil a partir da segunda metade do século XIX coincide com o período em que uma grande epidemia de cólera atingiu o Império, se alastrando por diversas províncias.

Essa grande epidemia de cólera também atingiu a província do Rio Grande do Norte. Em 1856, o cólera espalhou pânico na província. Várias cidades foram atingidas. As pessoas morriam rapidamente, pois desconheciam formas de evitar a doença e mantinham hábitos pouco higiênicos, favorecendo a proliferação da doença:

³⁵ REIS, João José. Op cit, p. 124.

³⁶ REIS, João José. Op cit, p. 247.

³⁷ REIS, João José. Op cit, p. 247.

O cólera é uma doença transmitida por um bacilo denominado de Vibrio Cholerae, que pode ser ingerido através de comida ou bebida contaminada. Logo que é ingerido, multiplica-se rapidamente, e entre algumas horas e poucas dias, começa a produzir desidratação. Pode-se perder até um quarto dos fluidos vitais do corpo por diarreia e vômito ininterruptos. Os afetados podem morrer em poucas horas. Uma vez que o bacilo é transmitido pelos excrementos de vítimas ou de portadores, a falta de higiene no uso de sanitários pode ser um meio importante de contágio. Lavar as mãos, ferver a água e cozinhar verduras e demais alimentos são importantes medidas de prevenção, pois o vibrio pode ser afetado desfavoravelmente por temperaturas frias e ser eficazmente destruído em temperaturas altas.³⁸

A epidemia atingiu a província do Rio Grande do Norte durante o governo do presidente Antônio Bernardo de Passos, que tomou providências para cuidar dos doentes e para enterrar os mortos, vítimas da epidemia: construiu um hospital, pediu a ajuda de outras províncias no envio de médicos; construiu um lazareto, para isolar os doentes coléricos do contato com as pessoas, e iniciou as obras de construção do primeiro cemitério da província, o Cemitério Público da Capital, atual Cemitério do Alecrim.

As medidas tomadas pelo presidente Passos revelam sua preocupação com a organização do espaço público urbano. As epidemias que atingiram o Império suscitaram nos médicos brasileiros a idéia de que eles deveriam intervir no Estado. Estes, com o intuito de higienizar as cidades, expunham para os governantes os problemas causados pelas epidemias, pois as cidades imperiais não estavam preparadas para vencer o flagelo antes que as taxas de mortalidade fossem muito altas. Passos tomou medidas essenciais para salvar a província: a criação de um hospital, de um lazareto – para isolar os doentes contaminados por cólera – e de um cemitério, são medidas baseadas na medicina urbana que apareceu na França, na segunda metade do século XVIII. A medicina urbana procura *Analisa os lugares de acúmulo e amontoamento de tudo que, no espaço urbano, pode provocar doença, lugares de formação e difusão de fenômenos epidêmicos ou endêmicos. São essencialmente os cemitérios.*³⁹

³⁸ DAVID, Onildo Reis. O inimigo invisível, p. 17.

³⁹ FOUCAULT, Michel. Op cit, p. 89.

O cemitério público representava algo de grande importância para a capital, tendo em vista o alto índice de mortalidade provocado pelas epidemias, e para a província, pois até então os enterramentos – como em outras partes do Brasil – eram feitos dentro ou ao redor-das igrejas.

Em 1855, Antônio Bernardo de Passos, assinou o decreto lei que autorizava a construção do cemitério. A resolução é de 21 de agosto: *O presidente da província fica autorizado a despende até a quantia de 2:000\$rs. com a construcção de um cemiterio nesta capital, e a dar-lhe o necessário regulamento.*⁴⁰

Antes de ser construído o cemitério propriamente dito, o presidente Passos, temendo que a epidemia devastasse a província, sem que houvesse um local apropriado para serem feitos os enterramentos, foi enérgico e preparou o terreno para receber os mortos:

*...vendo porém, quando a epidemia entrou na província, que não haveria tempo de o acabar, antes de chegar a esta cidade [...]; e não sendo admissível de forma alguma que os cadáveres durante a epidemia fossem enterrados nas igrejas, mandei cercar de madeira, e preparar uma porção de terreno, no lugar destinado para o cemiterio, aonde se fizessem os enterramentos...*⁴¹

Passos lavrou o contrato para a construção do cemitério em 8 de fevereiro de 1856, com o mestre de obras Manuel da Costa Reis. O cemitério seria construído numa região periférica com características rurais, no bairro do Alecrim que ficava próximo à zona agrícola do Refoles⁴² (situado às margens do rio Potengi e possuía alguma medidas e condições estipuladas:

*...seria quadrado, tendo cada parede, pelo lado de dentro, 250 palmos craveiros de extensão e nove de altura, terminando a parte superior com adorno simples. Seriam de tijolo dobrado ou de pedra-e-cal mas a pedra teria dois palmos e não seria lavada n'água salgada. Os alicerces haviam de ter três palmos de portão, erguer-se-ia a capelinha, com 25 palmos de comprimento e 15 de largo, sustentada sobre seis pilares de um terço da mesma, vestida de paredes, toda ladrilhada de tijolo de ladrilho, com uma essa de tijolo de alvenaria no centro. Muros, capela, tudo emboçado, rebocado e guarnecido de cal.*⁴³

⁴⁰ COLLECÇÃO de leis e decretos e resoluções da província do Rio Grande do Norte, fl. 48, livro 3.

⁴¹ FALAS e relatórios. Op cit, p. 638.

⁴² OLIVEIRA, Giovana Paiva de. De cidade a cidade, p. 22.

⁴³ CASCUDO, Luís da Câmara. Op cit, p. 264-265.

Portanto, o local onde mais tarde seria de fato construído o Cemitério Público da Capital havia sido escolhido. Ficava no bairro do Alecrim, afastado da cidade e praticamente desabitado. A população de Natal, estava toda concentrada na Cidade Alta e na Ribeira, praticamente os dois únicos bairros da cidade:

Até o final do século XIX, Natal possuía somente esses dois bairros, a Cidade Alta, que adquirira características residenciais, com um pequeno comércio elitista, e a Ribeira, área comercial onde residiam os comerciantes e os trabalhadores do comércio e da pesca, lugar dos armazéns, dos hotéis, do lazer e das atividades administrativas.⁴⁴

O término da construção do cemitério só aconteceu quatro anos depois, em 1859, pois os gastos com a obra foram maiores que a quantia destinada no início da construção. A conclusão aconteceu no governo do presidente Antonio Marcellino Nunes Gonçalves. A Assembléia o autorizou a gastar ... *a quantia de um conto de reis com a conclusão da obra do Cemiterio Publico desta capital e a da Capella ali erigida.⁴⁵*

O bairro do Alecrim, onde foi construído o cemitério, além de ser afastado da cidade – Cidade Alta e Ribeira – era muito pouco habitado: *Raríssimas pessoas habitavam o descampado. Era terra de roçados de mandioca e de milho, zona de caçada para os morros. Umhas quatro casinhas de taipa, cobertas de palha, sem reboco, denominadas capuabas, estavam dispersas num âmbito de légua quadrada.⁴⁶* Foi exatamente pela distância entre os bairros mais povoados e o Alecrim, que ele foi escolhido como o bairro para sediar o cemitério. Era necessário que os enterramentos fossem feitos num local afastado para que as pessoas não tivessem contato com os mortos. A idéia de excluir não apenas os mortos, mas também os doentes, para fora do espaço urbano, longe do contato com as pessoas, e separar o “puro” do “impuro” estava presente na concepção higienista do século XIX: *Ao lado dos loucos, doentes e condenados, os mortos são também excluídos, banidos do espaço urbano para áreas periféricas, igualmente enquadradas e, por extensão, controladas.⁴⁷*

A origem do nome do bairro do Alecrim está relacionada a um relato associado às práticas de enfeitar sepulturas. O relato conta que uma velhinha tinha o hábito de enfeitar os caixões de anjinhos que eram levados para serem sepultados no cemitério, com

⁴⁴ OLIVEIRA, Giovana Paiva de. Op cit, p. 21.

⁴⁵ COLLECÇÃO de leis . Op cit, p. 355

⁴⁶ CASCUDO. Op cit, p. 356.

⁴⁷ ANDRADE, Tânia Andrade. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros, p. 90.

raminhos de alecrim. Muitas pessoas e dentre elas até mesmo crianças, levavam os caixões para serem enfeitados por ela, cujo nome é desconhecido, mas acabou por seu costume, o de enfeitar os caixões, batizando o bairro. Outro relato referente à origem do nome do bairro conta que o nome vem da abundância do alecrim-de-campo e também da vassourinha, que havia na localidade.⁴⁸

A grande distância entre o Alecrim e a cidade propriamente dita, obrigou o presidente Passos a providenciar um carro fúnebre, para que fossem conduzidos os enterros. O carro fúnebre veio de Pernambuco: *A grande distância entre o cemiterio e ésta capital, exigindo um carro fúnebre , o fiz vir de Pernambuco, importando na quantia de setecentos e cincoenta mil réis.*⁴⁹

Além do carro fúnebre, outras providências tiveram que ser tomadas, tais como a contratação de um administrador para o cemitério, o que envolveu outras despesas a serem gastas com o empreendimento:

*...um administrador, a cujos cuidados esteja entregue o edificio, a escripturação e o desempenho de outras obrigações de importância [...]; pélo que fui forçado a crear este emprego, e marquei-lhe o ordenado de quarenta mil réis mensaes...*⁵⁰

Inicialmente, o muro do Cemitério Público ia até a capelinha – que está ao lado do túmulo de Pedro Velho Albuquerque Maranhão. Mas, durante a gestão do prefeito de Natal, Gentil Ferreira em 1941, o cemitério foi inteiramente reformado, a capela foi reconstruída, ruas foram abertas para permitir o acesso aos túmulos. Também como foi ampliada a área para os sepultamentos. Conseqüentemente, o muro recuou e a capela, que ficava ao fundo do cemitério, hoje se localiza mais no centro do cemitério.

⁴⁸ CASCUDO. Op cit, p. 356.

⁴⁹ FALAS. Op cit, p. 642.

⁵⁰ FALAS. Op cit, p. 642.

3- REPRESENTAÇÕES DA MORTE NO CEMITÉRIO DO ALECRIM

Adentrando os muros do Cemitério do Alecrim podemos encontrar sepulturas que apresentam variados tipos de símbolos referentes a morte.

De um modo geral, os símbolos têm a função de perpetuar determinada memória, isto é, tornar certo fato, pessoa ou idéia inesquecível e vivo na memória de gerações precedentes, sem que muitas vezes estas tenham noção do que realmente estão representando.

Esse poder simbólico só pode ser perpetuado porque há uma cumplicidade das gerações futuras, que mantêm uma série de tradições e rituais vivos, mesmo sem muitas vezes ter a consciência dos reais motivos da utilização de determinados símbolos.

Assim, os símbolos tornam-se algo generalizado e aparentemente comum nas sociedades, sem que haja questionamentos sobre a utilização de determinados símbolos, propiciando uma manipulação de símbolos por classes dominantes: *...o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem.*⁵¹

As representações existentes em túmulos, tais como imagens, esculturas, fotografias, cruzes e inúmeros outros símbolos dão grande ênfase à memória do morto. Os símbolos e adornos parecem por um lado querer enaltecer o morto, como se pretendessem expressar grandes feitos realizados por ele ou seu caráter bondoso em vida; e por outro lado, parecem querer tornar a morte algo mais reflexivo e digno de compaixão para aqueles que permanecem vivos.

Há ainda um outro sentido que pode ser dado às representações da morte contidas em túmulos: o da esperança de uma vida após a morte, a certeza do Paraíso. Esse sentido pode ser percebido através de diversas representações presentes no Cemitério do Alecrim, como as imagens de anjos apontando para o céu, como se estivessem indicando o lugar para onde a alma vai após se desprender do corpo, e, igualmente, imagens de mulheres ou santos com expressão de piedade e de santidade.

As representações da morte têm muito o que nos revelar, porque expressam a mentalidade de uma época, de determinada sociedade. Formas de expressão artísticas

⁵¹ BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico, p. 7 e 8.

podem ser percebidas através de estátuas, da arquitetura dos túmulos e de diversos outros elementos presentes em sepulturas.

A formas de arte feita em túmulos, podem ser considerada por muitos uma coisa macabra e aterrorizante. Existe um preconceito tão marcante em torno das representações da morte que acaba por não considerá-las expressões artísticas.

Para se compreender os motivos da utilização de imagens, fotos estátuas e outras representações em sepulturas, é preciso que se analise o contexto histórico em que foram criadas as representações e procurar compreender alguns elementos da história da arte que é *...a história da construção, da feitura de quadros e da realização de estátuas (...)* compreender essa história (...) ajuda a compreender por que os artistas trabalham de uma determinada maneira...⁵²

A suntuosidade de alguns túmulos revela um excessivo cuidado para com os mortos, presente desde o século XIX. Essa suntuosidade chega até meados do século XX. Muitos túmulos que datam desse período, apresentam esculturas que se destacam.

No Cemitério do Alecrim é possível encontrar diferentes tipos de túmulos, que variam em tamanho, material, modelo e representação da morte.

A maioria dos túmulos foi construída em mármore, com detalhes de metal, mas boa parte deles foi construída de alvenaria e submetida a posteriores reconstruções. Ainda existem muitos túmulos de alvenaria, muitos dos quais necessitam de cuidados e reparos, pois estão gastos pelo tempo e abandonados pelas famílias. Esse relativo abandono é mais comum nos dias atuais, pois ao contrário do que acontecia no século XIX, no nosso tempo as pessoas não cuidam das sepulturas e dos mortos. A impressão que se tem é que:

A memória da pessoa morta pode continuar acesa; os corpos mortos e as sepulturas perderam a significação.⁵³

Contudo, isso não é uma regra geral, especialmente num cemitério como o do Alecrim, com quase um século e meio de existência, pois muitas famílias ainda o freqüentam e cuidam das sepulturas de seus parentes.

Dentre as formas de representação da morte mais comuns no cemitério, encontram-se as cruzes. Podemos encontrar quatro tipos de cruz: a cruz simples, formada por quatro segmentos iguais, feita na maioria das vezes de mármore ou cimento; a cruz formada por quatro segmentos iguais, mas com as quatro pontas em forma de seta; a cruz com um

⁵² GOMBRICH, E. H. A história da arte, p. 37.

⁵³ ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos, p. 37.

desenho no meio, semelhante a um sol e os crucifixos feitos de cimento ou mármore, com o Cristo fundido em metal dourado.

As cruzes são o elemento preponderante no Cemitério do Alecrim. Elas estão ligadas ao cristianismo: a cruz simboliza a morte assim como Cristo morreu na cruz mas, representa acima de tudo a certeza de uma outra vida, da ressurreição assim como Cristo ressuscitou.

Com relação ao formato dos túmulos do Cemitério do Alecrim, em geral eles estão dispostos na forma de camas. Outros se assemelham a casas ou pirâmides. A disposição dos túmulos em forma de camas está relacionada à idéia do repouso eterno, o sono dos justos e é mais característica de sepultamentos cristãos.

Pouco a pouco os cemitérios estão mudando sua estrutura e as formas de realizar os enterramentos. Atualmente, os cemitérios apresentam outra proposta de enterramentos bastante diferente dos enterramentos feitos nos cemitérios do século XIX, como os do Cemitério do Alecrim.

Os cemitérios mais recentes, especialmente os privados, se apresentam na forma de jardins, com uma proposta de enterramentos verticais para ocupar pouco espaço. Os enterramentos são bem mais simples, com apenas uma lápide contendo o registro sobre o morto, sem qualquer tipo de túmulo com imagem.

Esses cemitérios, baseados nos modelos norte-americanos, são assim concebidos de maneira que a morte não cause tanto impacto através do que sugerem a arquitetura das sepulturas onde serão realizados os enterramentos. Os anúncios de “cemitérios jardins” oferecem promessa de tranquilidade e paz sem os “exageros” dos cemitérios do século XIX. No entanto, não é difícil supor que os “cemitérios jardins” podem estar relacionados ao Protestantismo, que em geral não utiliza cruzes e imagens religiosas. Já os cemitérios surgidos no século XIX, como os do Brasil, onde se deixou de enterrar os mortos nas igrejas ou ao redor delas, podem ter uma estreita ligação com a religião católica. Daí a tão freqüente utilização de imagens de santos, cruzes, anjos e tantas outras imagens do catolicismo nas sepulturas.

Em geral, os cemitérios não são lugares muito convidativos para visitas. As pessoas costumam visitar o túmulo de um parente ou de uma pessoa ilustre, mas não se visita um cemitério comumente como se vai a um cinema ou a um parque, porque o cemitério nos revela que somos humanos vulneráveis, atingíveis, mortais. O contato com sepulturas e

mortos diminui em nós o sentimento de que somos imortais, eternos e invulneráveis e nos faz crer que independente da cor ou classe social, todos um dia morreremos.

Essa realidade mexe com o lado emocional das pessoas, fazendo-as ter receio de cemitérios. Algumas imagens e representações presentes nos cemitérios representam um ar de morte, de lamento, de dor, e ao mesmo tempo de mistério, de reflexão.

Para se buscar compreender os motivos que podem ter impelido certos grupos sociais a utilizarem determinadas formas de representação da morte em sepulturas de parentes ou de pessoas pertencentes ao mesmo grupo social, é preciso que analisemos dois aspectos. Em primeiro lugar, com relação ao conceito de representação, que pode ser compreendido através de duas vertentes: numa, pode ter a intenção de representar algo ausente, o que supõe uma grande diferenciação entre o que se representa e o que é representado; na outra, a representação pode ser a exibição de uma presença, como se fosse a apresentação pública de alguém.⁵⁴ Em segundo lugar, precisamos analisar as atitudes das pessoas diante da morte. As imagens presentes nos cemitérios que foram construídos no século XIX e as imagens que estão presentes em sepulturas que cujas datas vão até aproximadamente a primeira metade do século XX, remetem à preocupação que se tinha com uma boa morte. Para a mentalidade do século XIX, uma boa morte significava preparar-se para fazer uma boa viagem, por isso, a morte não era vista apenas como o fim do corpo porque o morto seguiria, em espírito, para uma outra vida. Era importante que se preparasse essa viagem fosse preparada, para o bem do morto e a paz dos vivos. Assim, preparar alguém para passar à outra vida envolvia uma série de rituais. Segundo João José Reis a morte e o bem morrer eram aspectos muito presentes na mentalidade do século XIX:

...a maneira como se esperava a morte, o momento ideal de sua chegada, os ritos que a precediam e sucediam, o local da sepultura, o destino da alma, a relação entre vivos e mortos – eram todas questões sobre as quais muito se pensava, falava, escrevia, e em torno das quais se realizavam ritos, criavam-se símbolos, movimentavam-se devoções e negócios.⁵⁵

Podemos concluir, assim, que as formas de representação da morte presentes nos cemitérios podem expressar algo ausente, isto é, distante e transcendental, como os anjos, santos e até mesmo as cruzes – símbolos que têm relação com o divino. Por outro lado, as

⁵⁴ CHARTIER, Roger. A história cultural, p. 20.

⁵⁵ REIS, João José. Op cit, p. 96.

representações podem exibir a presença ou procurar fazer a apresentação pública do morto. É possível perceber estas formas de apresentação através das fotografias decoradas, dos bustos, das assinaturas gravadas em metal em alguns túmulos.

Poder-se-ia pensar que fotografias, nomes e datas presentes nos túmulos fossem necessárias apenas para identificar, registrar e controlar melhor o espaço destinado aos mortos, já que *em cada sepultura há números, nomes e datas que individualizam os mortos, permitindo a sua imediata localização, tanto no espaço quanto na escala social.*⁵⁶ Mas, se assim o fosse, não se colocariam imagens, esculturas, lápides com epitáfios e homenagens ao morto, adornos e não se promoveria um significativo investimento no material empregado para a construção dos túmulos. Far-se-ia uma sepultura simples, apenas para enterrar o cadáver e identificá-lo para saber onde ele se encontra.

Há ainda uma outra observação a ser feita com relação à identificação de sepulturas: Não se identificam os mortos apenas para saber onde eles estão; há uma preocupação com a memória do morto, uma intenção de expor o sentimento de saudade, de tristeza, pela falta de um ente querido. Têm-se a necessidade de expressar o desejo de uma vida plena após a morte e há também uma necessidade de prestar culto aos mortos, decorando os túmulos com imagens, flores, estátuas, e mostrar quem está na sepultura através das fotografias, mostrando também o que a família sente com a morte de um parente.

Desta forma, pretende-se manter viva a memória dos mortos, mas acima de tudo, prestar homenagens a eles. Estas homenagens não se restringem somente aos rituais fúnebres, que vão desde o velório até o enterramento propriamente dito. Elas se perpetuam por várias gerações que continuam fazendo visitas ao túmulo de parentes que já se foram.

É exatamente essa forma de perceber e sentir a morte de alguém muito próximo que se reflete nas formas de representação da morte, presentes nos cemitérios.

Tal forma de encarar a morte, prestando culto e investindo maciçamente nas sepulturas é uma mentalidade herdada do século XIX, cujos resquícios perduraram até meados do século XX. Para as pessoas que viveram no século XIX, não havia a morte, morte da alma, pois morrer significava ser condenado, ir para o inferno. Por se acreditar numa vida após a morte, todos poderiam alcançar a salvação, chegar ao paraíso, dependendo do que fosse feito pela alma do morto. Havia uma concepção muito forte de

⁵⁶ LIMA. Op cit, p. 90.

que a pessoa ao morrer, se fosse uma pessoa boa em vida, isto é, se atendesse os preceitos de uma vida cristã, poderia ir ao Paraíso. Mas, se em vida o morto na havia cumprido com suas obrigações de cristão, era preciso rezar muito e investir intensamente nos rituais fúnebres, para que este fosse ao Purgatório e depois pudesse alcançar a salvação.⁵⁷

Os rituais incluíam o velório com o réquiem (prece pelos mortos), o enterramento e as homenagens póstumas.

3.1.

⁵⁷ REIS. Op cit, p. 96 e 97.

3.1-Túmulos, imagens e lápides

- *Wanderley Gilson*

Considerando-se a extensão do Cemitério do Alecrim, foram escolhidas dez imagens de representação dentre as que mais chamam a atenção no cemitério, pelo volume expressividade. A escolha também foi baseada na suntuosidade, na beleza e nas peculiaridades de alguns túmulos.

Verificou-se que através das imagens presentes nas sepulturas, tem-se a intenção de perpetuar-se uma memória, a memória do morto. Essa intenção também pode ser percebida através das frases e desejos de saudades gravadas nas lápides de grande parte dos túmulos. Há um desejo de perpetuação, de lembranças até a eternidade, levando-nos à reflexão de que as imagens materiais: *...há muito têm sido construídas para ajudar a retenção e transmissão de memórias – “memoriais” como lápides, estátuas, medalhas...*⁵⁸

Assim, imagens são colocadas em sepulturas para ajudar nesse esforço de não se deixar esquecer o morto.

Os túmulos com as representações escolhidas apresentam seus enterramentos mais antigos datados de até aproximadamente a metade do século XX. Nesse período, verifica-se uma espécie de surto da construção de monumentos aos mortos. Logo após a Primeira Guerra Mundial, a comemoração funerária sofre um novo desenvolvimento. Em muitos países é erguido um Túmulo ao Soldado Desconhecido. Proclama-se assim sobre um cadáver sem nome, a adesão da nação em torno da memória comum.⁵⁹

As sepulturas com as imagens escolhidas foram numeradas de I a X, para efeito de localização:

A sepultura I, tem o seu primeiro enterramento datado de 1901. É um túmulo de família, da família Paes Barreto. O túmulo foi escolhido por apresentar suntuosidade que o distingue fazendo com que ele se destaque na quadra em que está localizado. Sua quadra é uma das primeiras e como a primeira pessoa enterrada nele foi enterrada no início do século XX, podemos concluir que se trata de um dos mais antigos.

Feito em mármore, trata-se de um túmulo alto, disposto no sentido vertical, como se quisesse lembrar um prédio, tendo seu formato bastante diferente dos demais túmulos. É decorado por motivos florais e possui uma cruz no topo. A idéia que o túmulo transmite é a

⁵⁸ BURKE, Peter. Variedades de história cultural, p. 75.

⁵⁹ LE GOFF, Jacques. História e memória, p. 465-466.

de um monumento, de uma morada eterna, suntuosa, especial. Faz lembrar algo semelhante a uma igreja ou templo.

A sepultura II é feita de mármore cinza, mas está gasta pelo tempo. Apresenta a escultura de um anjo apontando o dedo indicador da mão direita para o céu. O anjo traz na mão direita uma flor. Em cada lado do anjo há uma espécie de cálice semi-coberto por uma toalha. O túmulo apresenta detalhes bastante rústicos. Há apenas uma pessoa enterrada nele e o enterramento é do início do século XX.

A escultura do anjo presente na sepultura parece indicar o céu, o Paraíso, como se mostrasse para onde a alma do morto deve ir. Seus olhos estão fechados, aparentando uma calma e uma serenidade inigualáveis. A figura do anjo, apesar de apontar para o céu não demonstra movimento, dando a impressão de que a escultura está como que posando ao ser criada. O sentido da utilização da figura do anjo está relacionado ao fato de o anjo representar um ser puramente espiritual e que, segundo a religião católica foi criado por Deus para ser seu mensageiro e manifestar aos homens a sua vontade. Neste sentido, pode-se incluir o sentido do Anjo da Guarda, que é o anjo protetor que acompanha cada homem individualmente.⁶⁰ A flor que o anjo segura, um Lírio, símbolo da pureza.⁶¹

A sepultura III, é um túmulo de família, sendo possível perceber que há nele oito pessoas enterradas. O enterramento mais antigo data de meados do século XX e os enterramentos subseqüentes possuem datas que variam da metade até aproximadamente o final do século. O túmulo é feito de um mármore preto, bastante liso. Seu formato é o formato mais comum das sepulturas, o de cama, mas chama a atenção pela imagem que ele possui: um Cristo, acima do túmulo. É o Sagrado Coração de Jesus venerado pelos católicos.

A escultura é branca e parece ser feita de gesso ou de um material semelhante. O Cristo está descalço, vestido por um manto, que permite ver o coração exposto. Seus braços estão abertos, como que para receber a alma daqueles que morreram.

A sepultura IV é uma das maiores do cemitério. Pertence à família Cicco, de grande importância para a cidade de Natal, pois um de seus membros, Januário Cicco, fundou a primeira maternidade da cidade. É feito de um mármore vermelho meio amarronzado. É cercado por grades, ocupando um grande espaço assemelhando-se a um jardim. Possui duas estátuas, de duas mulheres, feitas de um tipo de mármore branco. Uma

⁶⁰ DICIONÁRIO enciclopédico Koogan Larousse seleções, p. 61.

⁶¹ Ibid, p. 512.

delas está sentada com a mão no queixo, sugerido uma pessoa escutado, refletindo ou se lamentando. A outra mulher está em pé, com as mãos no coração, como se estivesse se compadecendo e suas vestes parecem lembrar o estilo romano. O túmulo transmite reflexão e serenidade através de suas imagens.

A V sepultura escolhida é a da família João Severiano da Câmara. É um túmulo bastante peculiar, pois apresenta a escultura de um deus romano Mercúrio, deus do comércio, dos ladrões e dos viajantes, identificado com Hermes, dos gregos.⁶²

A estátua possui um capacete alado. Está sentada em algo que se assemelha a um fardo de palha ou algodão, ou tijolos empilhados ou uma barra de ouro. Qualquer que seja a representação do local onde a estátua está sentada, dá a entender que se relaciona a dinheiro ou comércio e ao deus Mercúrio. Tal revelação nos leva a supor que a família a quem pertence o túmulo possui uma grande ligação com atividades comerciais. Daí a utilização de símbolos que fazem alusão ao ofício praticado.

Ao lado da estátua existem dois pilares com detalhes decorativos que parecem referir-se a desenhos presentes em templos gregos ou romanos.

A VI sepultura é um jazigo de um casal que foi enterrado aproximadamente na mesma época, na segunda metade do século XX. O jazigo chama a atenção por conter uma placa de mármore bastante alta na qual estão gravados em alto relevo os desenhos dos bustos do casal enterrado na sepultura.

A impressão que se tem é a de que a intenção da família era realmente deixar viva a memória do casal, erigindo um monumento em homenagem a ele. Abaixo da placa de mármore há também as fotos do casal contendo data de nascimento e falecimento.

Num túmulo como este é possível perceber nitidamente a intenção de se perpetuar a memória dos mortos através da representação direta da imagem de ambos. A forma como eles estão representados, juntos, parece querer revelar a estabilidade da família ou celebrar o matrimônio, a felicidade do casal. O destaque que é dado ao casal pode referir-se também à idéia de os dois estarem juntos na eternidade.

A sepultura VII é também um jazigo de família, mas só é possível identificar um enterramento que data da primeira metade do século XX.

É um túmulo comum, mas apresenta a escultura de um Cristo apontando com a mão direita para a direita. Pode-se supor que ele esteja apontando para o horizonte, para o

⁶² Ibid, p. 1401.

infinito, o caminho que leva à Plenitude. Sua mão esquerda está posta sobre o peito, em sinal de oração. Na frente do túmulo, embaixo, há uma espécie de afresco em alto relevo sobre metal, de duas mulheres. Uma, tem flores na mão e a outra leva as mãos ao rosto, como se estivesse chorando. As duas estão ajoelhadas.

A sepultura VIII é um jazigo de família, no qual os dois enterramentos identificados são bem mais recentes datando de aproximadamente o final do século XX. É uma sepultura simples, que apresenta a imagem de uma mulher, ou santa, que usa uma coroa de flores. Ela segura duas flechas, uma apontando no sentido contrário à outra. A mulher veste um manto amarrado à cintura por uma corda.

As flechas, por estarem em sentidos opostos, parecem indicar dois caminhos exatamente contrários: a ida e a vinda, ou seja, a vida e a morte. A mulher parece querer consolar ou revelar a existência desses dois caminhos que se impõem como uma condição ao ser humano. Os dois caminhos são inevitáveis de serem percorridos. A mulher ou santa parece ser a mensageira para mostrar a existência dos dois caminhos.

A sepultura IX tem apenas um enterramento registrado. É feita de mármore preto e tem uma espécie de placa acima do túmulo que possui o desenho de Jesus Cristo carregando sua pesada cruz. O Cristo está com a cabeça baixa e é impresso por um metal em alto relevo.

A imagem do Cristo parece querer revelar uma longa jornada a ser percorrida, o caminho do Calvário, carregando a cruz em direção à crucificação. Ela nos leva a pensar na morte, como o fato de Cristo ter morrido na cruz, ao contrário de outros dois Cristos presentes em sepulturas anteriores (sepulturas III e VII), pois nos fazem pensar em uma vida nova já que parecem estar ressuscitados.

A sepultura X é do início do século XX. Nela só foi registrado um enterramento. Trata-se de um jazigo pequeno e possui a imagem da figura feminina de um anjo, com uma coroa de flores na mão, como se estivesse conduzindo a coroa para colocar em alguém. O anjo é feito de metal na cor prata, mas tem-se a impressão de que a imagem foi colocada lá recentemente, pela perfeita conservação do material. Há uma frase na lápide da sepultura dizendo “Lembrança de seus pais e irmãos”. Essa frase nos dá a impressão de que a família do morto quis fazer uma lembrança ou homenagem a ele. A coroa seria, provavelmente, seria para coroá-lo.

A partir da leitura de algumas das representações da morte presentes no Cemitério do Alecrim, percebe-se a intenção de se perpetuar a memória, a presença de um ente

querido por toda a eternidade. Há uma intenção de ornamentar a sepultura, ainda que não se saiba os reais motivos daquela representação. As fotos e mensagens presentes nas sepulturas indicam uma necessidade de expor para os vivos quem está na sepultura e o que se sente com a perda daquela pessoa.

É possível perceber também que a mentalidade da boa morte marcou o século XIX, estava diretamente relacionada à religião católica e esteve presente nos rituais fúnebres de maneira muito intensa.

As representações em sepulturas expressam o que se pensa em relação a morte e revelam que, ainda que não se tivesse certeza do que acontece com alma ao se desprender do corpo, as pessoas do século XIX acreditavam que havia uma outra vida, o paraíso. Havia certeza de que havia uma vida melhor, sem sofrimento, a vida eterna.

Existem ainda, diversos questionamentos a serem respondidos sobre as formas de representar a morte, de modo que seria necessário fazer uma pesquisa bastante aprofundada e mais abrangente.

Um elemento que poderia ser estudado em pesquisas posteriores: a comparação entre formas de se representar a morte atualmente e as formas de representá-la em épocas anteriores, como no século XIX e início do século XX.

CONCLUSÃO

Apesar de existir atualmente um certo número de historiadores que pesquisam sobre a morte e suas representações, ainda é muito escasso o número de trabalhos sobre o assunto. Há um relativo interesse de alguns historiadores que, aos poucos, pesquisam temas relacionados à morte e à cultura funerária. Espera-se que esse número de cresça gradativamente para que possamos, sempre que possível, refletir sobre o significado das representações da morte em nossa sociedade.

De um modo geral, é possível concluir que as imagens contidas em sepulturas de cemitérios representam o que a sociedade pensa em relação à morte. Não se pode saber o que acontece com a alma, ao se desprender do corpo, mas existem algumas crenças a esse respeito. Essas crenças estão diretamente ligadas à religião, e os cemitérios expressam essa forma de pensar: os cemitérios que possuem sepulturas com imagens de santos, crucifixos e anjos, estão geralmente ligados à religião católica. Já os cemitérios inspirados nos jardins, ou nos modelos norte-americanos, isto é, com sepulturas mais simples, sem grandes imagens, estão ligados a igrejas Protestantes, que não adotam imagens em seus cultos.

Atualmente, as imagens e símbolos colocados em sepulturas não são mais tão ricas em variedades quanto no século XIX. Muito do que há hoje na tendência de representar a morte ainda é resquício daquela época, mas, desde que os enterramentos deixaram de ser feitos nas igrejas, houve gradativamente uma separação entre vivos e mortos: *No cemitério longe de casa e da paróquia as visitas seriam ocasionais, como se vivos e mortos tivessem de repente se tornado estranhos.*⁶³

Hoje, as pessoas sofrem com a perda de um ente querido, como em todas as épocas da história da humanidade, mas a preocupação com o enterramento, a sepultura e todos os ritos fúnebres não é tão intensa quanto no século XIX. Esse fato se reflete também nas representações utilizadas nas sepulturas, que se tornaram mais simples, mais comuns. Não há mais a preocupação com o bem-morrer, pois na mentalidade do século XIX. Um enterramento bem chorado, bem rezado e bem simbolizado conduziria a pessoa ao paraíso.

⁶³ REIS, João José. Op cit, p. 141.

Reduziu-se o enorme investimento material que se fazia com a morte: gastava-se muito para enterrar uma pessoa, desde que, obviamente a família tivesse condições para isto. As formas de representação contidas nas sepulturas também expressavam diferenças sociais: pessoas de classes sociais mais abastadas tinham sepulturas mais suntuosas, enquanto que pessoas mais pobres tinham uma sepultura mais simples.

Os símbolos encontrados em sepulturas mais antigas (início do século XX) revelam, por um lado, a crença na imortalidade da alma, numa vida após a morte, e, por outro lado, revelam a necessidade de deixar marcada a passagem do morto pela Terra, além de expressar saudades de parentes e familiares. Manifesta-se, então, a intenção de se perpetuar a memória do morto.

O Cemitério do Alecrim apresenta um leque de variadas possibilidades de pesquisa. No entanto, para se fazer uma pesquisa mais aprofundada no campo das representações da morte, seria necessário empregar uma metodologia mais complexa que exigiria uma coleta de informações contidas nas lápides e nos livros de registros de óbito do cemitério. Para tanto, seria necessário um considerável espaço de tempo disponível, o que não é possível numa pesquisa com o porte de monografia de graduação.

Símbolos em FF
1910
1911
1912
1913
1914
1915
1916
1917
1918
1919
1920
1921
1922
1923
1924
1925
1926
1927
1928
1929
1930
1931
1932
1933
1934
1935
1936
1937
1938
1939
1940
1941
1942
1943
1944
1945
1946
1947
1948
1949
1950
1951
1952
1953
1954
1955
1956
1957
1958
1959
1960
1961
1962
1963
1964
1965
1966
1967
1968
1969
1970
1971
1972
1973
1974
1975
1976
1977
1978
1979
1980
1981
1982
1983
1984
1985
1986
1987
1988
1989
1990
1991
1992
1993
1994
1995
1996
1997
1998
1999
2000
2001
2002
2003
2004
2005
2006
2007
2008
2009
2010
2011
2012
2013
2014
2015
2016
2017
2018
2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

COLLECCÃO de leis e decretos e resoluções da província do Rio Grande do Norte. Ano de 1855, 1859.

FALAS e relatórios dos presidentes da província do Rio Grande do Norte – 1835 a 1859. Mossoró Fundação Vingt-Un. Rosado, 2001.

BIBLIOGRAFIA

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX. Tese (Doutoramento)USP, 2001.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). Revista Brasileira de História. São Paulo, v.5 n 8/9. p. 35-68, set.1984/abr.1985.

BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. História da cidade do Natal. 3.ed. Natal: Instituto histórico e geográfico do Rio Grande do Norte, 1999.

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 1990.

CROUZET, Maurice (Dir.). História geral das civilizações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. v. 13.

DAVID, Onildo Reis. O inimigo invisível: epidemia na Bahia no século XIX. Salvador: EDUFBA: Sarah Letras, 1996.

DICIONÁRIO enciclopédico Koogan Larousse seleções. Rio de Janeiro Larousse o Brasil, 1979.

- ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GOMBRICH, E. H. A História da Arte. 16.ed. Rio de Janeiro LTC, 1999.
- HOBBSBAWN, Eric J. A era do capital: 1848-1875. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. 3.ed. Campinas: UNICAMP, 1994.
- LIMA, Tânia Andrade. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). ANAIS DO MUSEU PAULISTA. História e Cultura Material, nova série São Paulo:USP, v. 2, jan/dez. 1994.
- OLIVEIRA, Giovana Paiva de. De cidade a cidade. Natal: EDUFRRN, 2000.
- REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de (Org). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. v 2.
- RÉMOND, René. O século XIX 1815-1914: introdução à história de nosso tempo. São Paulo: Cultrix, 1976.
- RIBEIRO, André Luiz Rosa, MACÊDO, Janete Ruiz, MACÊDO, Aurélio Farias. Arquitetura cemiterial: memória e cidade – Cemitério da Vitória, Ilhéus/Bahia: UESC, [s.d.]
- SANTOS FILHO, Lycurgo. Medicina no período imperial. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.) História geral da civilização brasileira. São Paulo: DIFEL, v. 2.

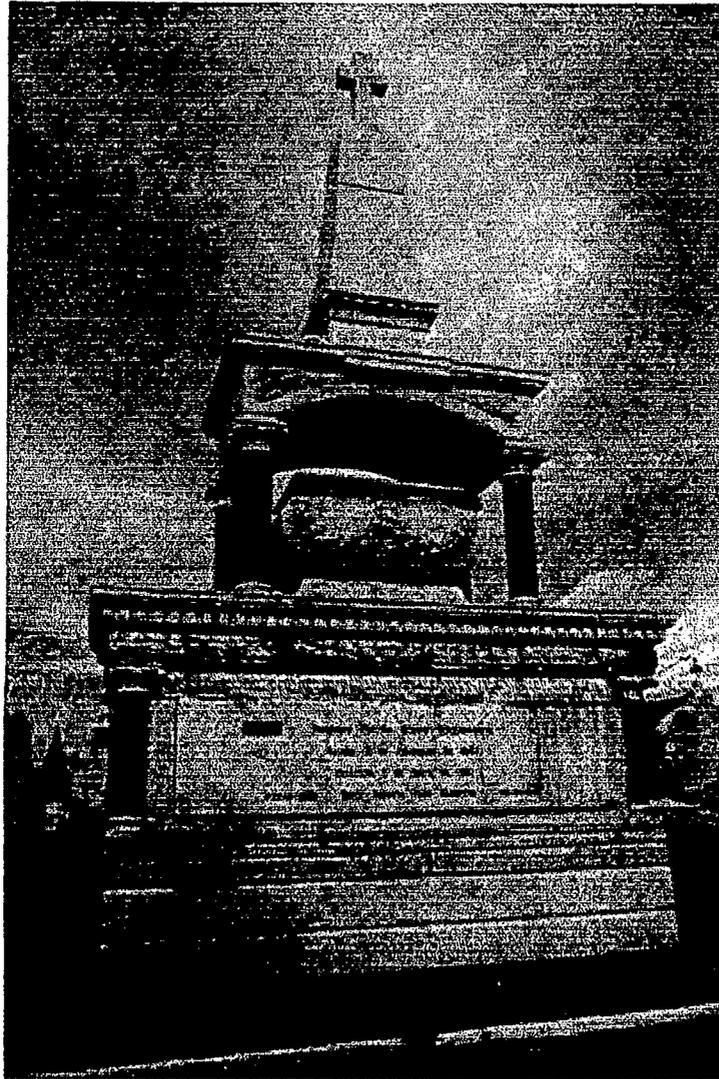
ANEXOS

5/77

Senador Sr. José Basílio
Nasceu, 2 de fevereiro de 1847
faleceu, 9 de abril de 1901

* 22/09/1958 Sogra Augusta Pass Basílio + 15/8/1932.

* 08/06/1918 Geraldo Pass Basílio + 10/09/1948.



SEPULTURA I

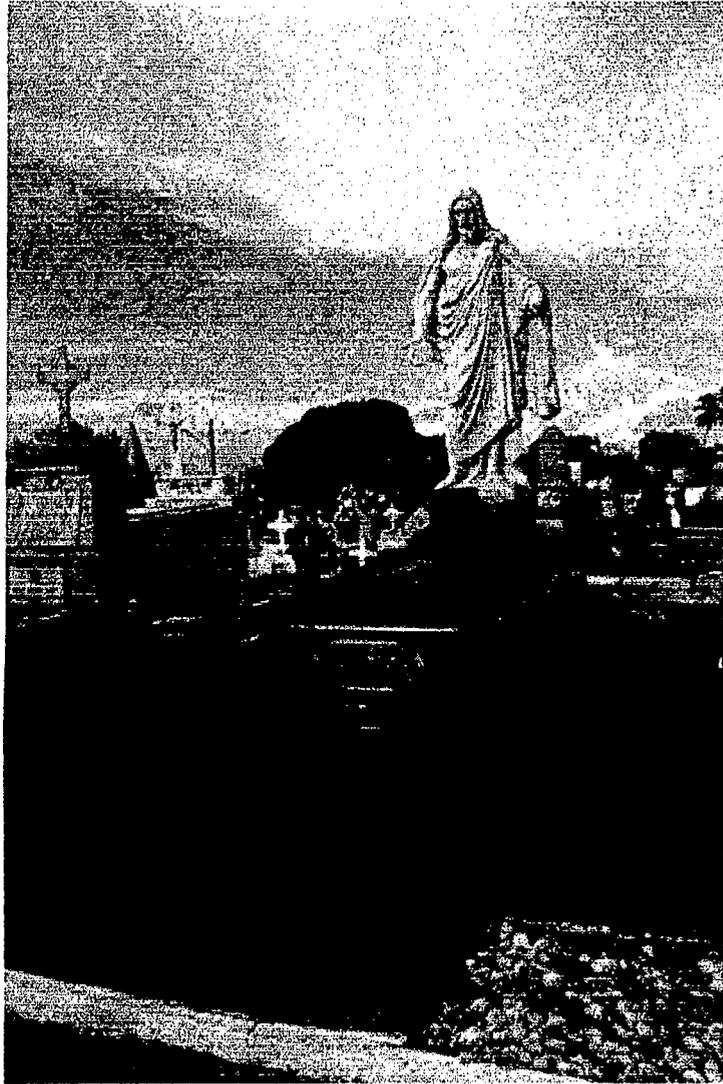
O túmulo apresenta motivos florais, assemelha-se a um templo grego (?)
e possui uma cruz no topo / mármore

Quadra (2)

- sm
- Anunciada de Moynó, Colômbia, Seguridade
Nascida em 01 de outubro de 1879
falecida em 5 de outubro de 1906



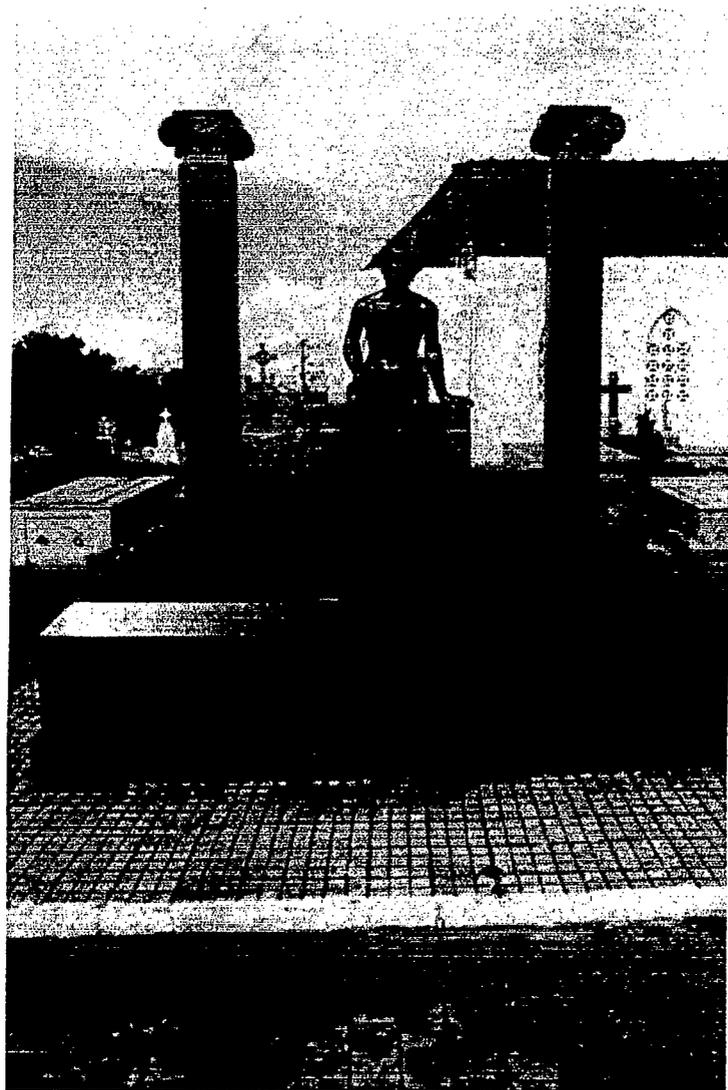
SEPULTURA II



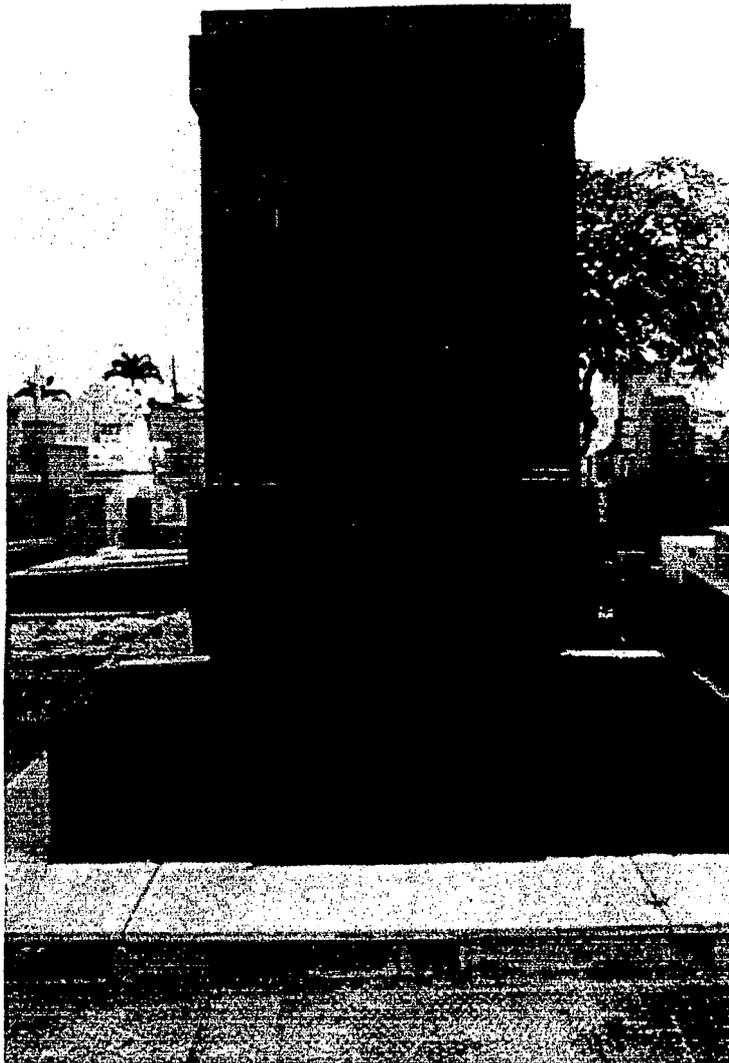
SEPULTURA III



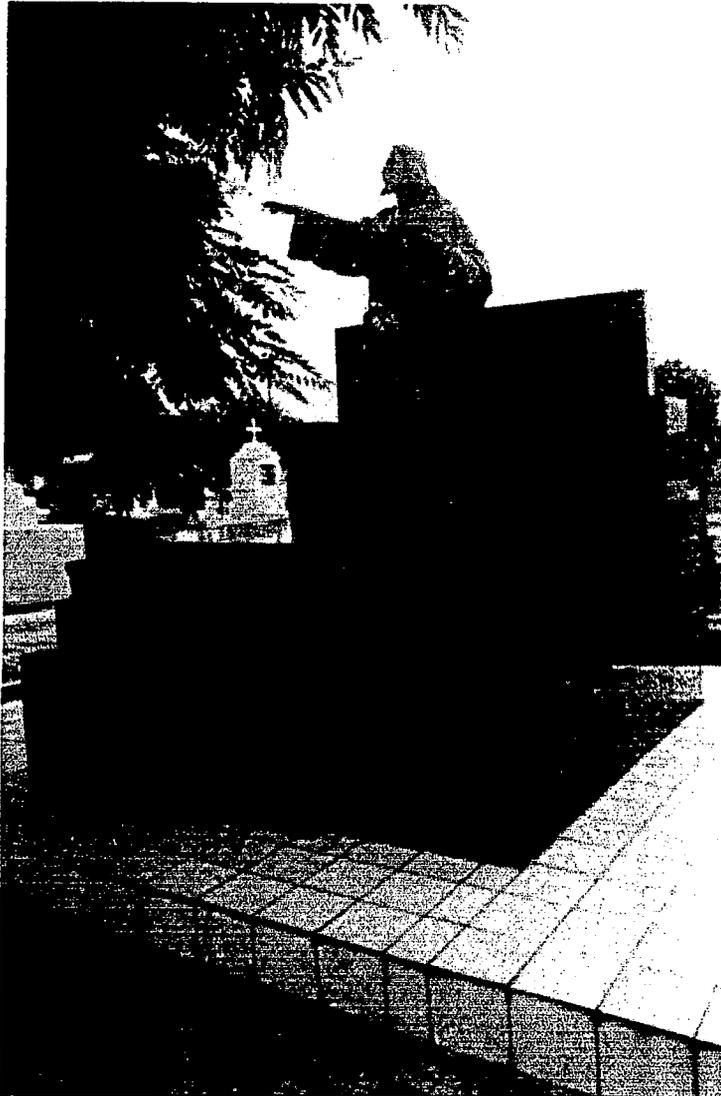
SEPULTURA IV



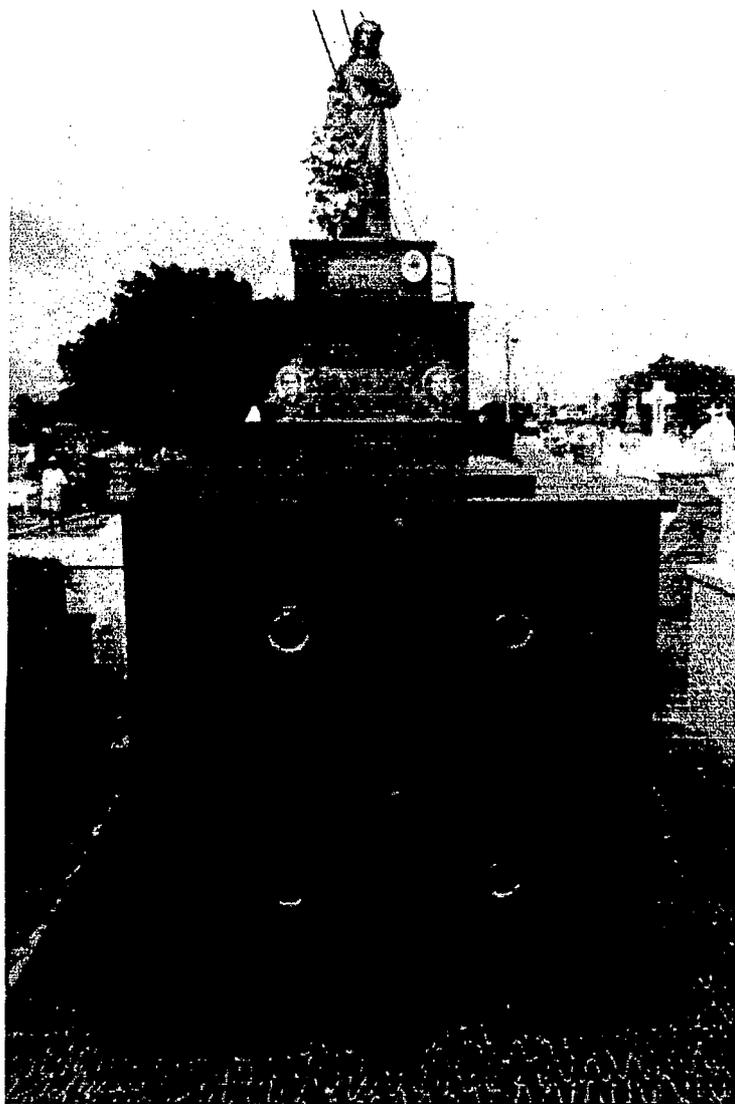
SEPULTURA V



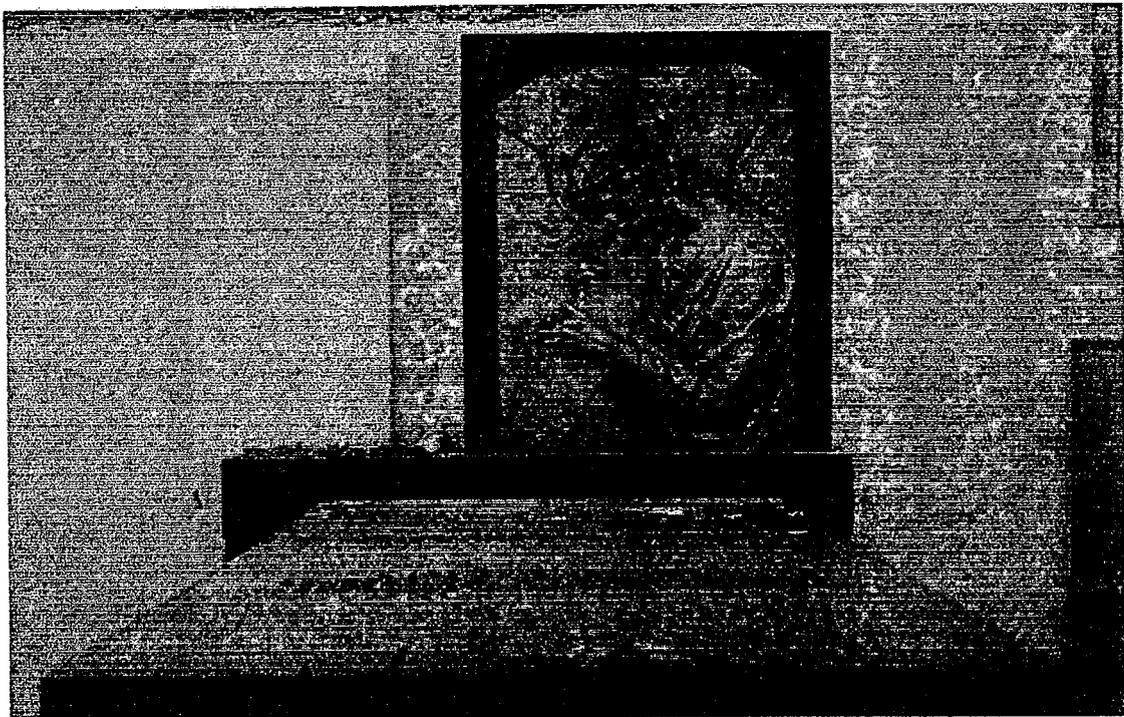
SEPULTURA VI



SEPULTURA VII



SEPULTURA VIII



SEPULTURA IX



_ SEPULTURA X